



A OCUPAÇÃO DO ESPAÇO RURAL NO QUILOMBO DE IVAPORUNDUVA, UMA ANTIGA COMUNIDADE DE ESCRAVOS NO VALE DO RIBEIRA

*Orlando Merlim Filho

**Antônio Fernandes Nascimento Júnior

RESUMO:

Este trabalho se caracteriza num estudo da ocupação da terra na comunidade rural remanescente do Quilombo de Ivaporanduva, localizado no Município de Eldorado, Vale do Ribeira, Estado de São Paulo. A metodologia utilizada foi a observação participante, com entrevistas e fotografias, complementada pelo estudo de mapas e documentos da região. O estudo mostra uma distribuição familiar da posse da terra, trabalhada por toda a comunidade que dela usufrui, de maneira semelhante ao modelo de desenvolvimento sustentado apresentado pela Ecologia Moderna. Também é objeto de estudo a forma de organização social dos membros do grupo, a qual se observa ser definida pela relação pré-capitalista entre a família e a terra.

ABSTRACT

The present work is a study of the land occupation in the remaining rural community of Quilombo de Ivaporanduva, located in Eldorado, Vale do Ribeira, State of São Paulo. The methodology used was the participant observation, with interviews and photographs, complemented by the study of regional maps and documents. The study shows a familiar distribution of the possession of the farmed land by all the community that benefits from it, in a manner that is similar to the model of sustained development presented by Modern Ecology. The form of social organization of the group members is also studied, which is defined by the pre-capitalist relation between family and land.

Unitermos: Ecologia Humana - Desenvolvimento Sustentável - Quilombo

Key-Words: Human Ecology; Sustained Development; Quilombo.

* Mestrando em Planejamento Urbano e Regional: Assentamentos Humanos pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC), UNESP - Bauru, SP.

** Docente do Departamento de Ciências Humanas da FAAC - UNESP - Bauru, SP.



INTRODUÇÃO:

O vale do Ribeira tem se revelado, no final do século XX, como a única região do Estado de São Paulo com áreas nativas de grandes dimensões, sendo a maior área de Mata Atlântica contínua do mundo. Há vários porquês que garantem a manutenção desse ecossistema e as áreas fora dos limites dos parques são de proteção ambiental, embora aqui também ocorram monoculturas, prática de agricultura de subsistência e pesca.

O presente trabalho é um estudo da ocupação da terra na comunidade de Ivaporunduva, um dos poucos remanescentes de quilombo espalhados pelo vale. Localizada no município de Eldorado, à margem esquerda do Rio Ribeira do Iguape. Centra tal estudo na forma de distribuição da Terra entre as famílias e a maneira como é utilizada.

A motivação para esta pesquisa partiu da observação da paisagem ao redor da Vila, a qual revela coisas interessantes: o fundo do vale é ocupado por plantação, assim como, também, as bordas das montanhas; para isso os agricultores retiraram a mata natural. Porém, como a produção não é em larga escala e nem na forma de monocultura, a fisionomia geral da vegetação não representa o quadro de devastação encontrado em todas as outras regiões do estado. Nesse tipo de cultura, muita vegetação nativa é preservada e, com isso, a fauna também. É obvio que o ambiente está sendo manejado, mas as espécies nativas, nessa situação, não se encontram ameaçadas.

Essa forma de ocupação do espaço pelo ambiente de Ivaporunduva apresenta um modo de desenvolvimento sustentável baseado na utilização familiar da terra bastante relevante no contexto sócio-econômico-ambiental da região do Vale do Ribeira, considerando-se que: a população tem suas necessidades básicas resolvidas, conserva o solo e preserva áreas nativas e ainda produz a banana, que representa a fonte da comunidade. (Nascimento Júnior, 1994 e Vieira et al, 1994)

METODOLOGIA:

Os levantamentos foram feitos nos anos de 1993, 1994 e 1995 e o presente trabalho é produto de dez viagens à região e o local de estudo tendo sido o bairro da Ivaporunduva.

A pesquisa foi do tipo exploratória e as observações foram anotadas e fotografadas, enquanto as entrevistas foram gravadas. Desta técnica **"construem-se diversos quadros analíticos onde o próprio depoimento é inserido no texto. A fala do entrevistado - transcrita - estabelece campos narrativos e possibilita estudar de forma detalhada as identidades e diferenças do mundo das memórias"** (MONTENEGRO, 1992).

As interações do pesquisador com a comunidade em questão estão em consonância com a idéia de investigação participativa, em conformidade com as colocações de BRANDÃO (1990) e FOOTE- WHYTE (1980).



LOCALIZAÇÃO E CARACTERÍSTICAS FÍSICAS DA BAIXADA DO RIBEIRA

O bairro de Ivaporunduva está situado no município de Eldorado (antigamente denominado Xiririca), às margens do Rio Ribeira do Iguape, no sul do Estado de São Paulo, região conhecida no Estado de São Paulo como "**Baixada do Ribeira**", apresentando a mais baixa densidade demográfica do estado (QUEIROS, 1983).

De modo geral, o povoamento da Baixada do Ribeira, especialmente das áreas mais distantes e mais afastadas dos atuais centros urbanos, é resultante da penetração de colonos através das vias fluviais. Por esse motivo observa-se um aspecto de centralidade e comunicação que o Rio Ribeira representa na região.

A Baixada do Ribeira localiza-se entre as seguintes coordenadas geográficas: 24 25 de Latitude Sul e Meridiano de 48 a W de Greenwich. As coordenadas de Ivaporunduva estão aproximadamente 24 34 Lat. S., e 48 24 Long. W.

Palanca e Nascimento Júnior (1998) explicam que o embasamento geológico da região constitui-se de rochas pré - cambrianas e, em menor escala, de terrenos cenozóicos quaternários ao longo dos vales dos principais rios, de origem sedimentar. A região compreende terrenos predominantemente com altitude de até 100m. Por isso é conhecido como "Baixada" do Ribeira. A porção ocidental é limitada pela "Serra" de Paranapiacaba, que possui altitudes que chegam até a 1200m, e daí nascem inúmeros afluentes e sub- afluentes do médio curso do Ribeira.

O Rio Ribeira nasce perto de Vila Velha (Paraná), nos contrafortes da "Serra" de Paranapiacaba, percorrendo 502 Km até sua foz no Oceano Atlântico, na altura da cidade de Iguape. Seu regime, embora dependente das chuvas de verão, apresenta certas homogeneidades nas quatro estações do ano, devido à presença reguladora do Oceano, que contribui com elevado índice pluviométrico na região, acima dos 1500mm/ano.

Em Ivaporunduva as encostas das serras apresentam altitudes de 200 a 500 m (próximos ao Ribeira) e acima desta cota, na vertente direita do Vale do Ribeirão Ivaporunduva. Há pontos no relevo que apresentam maiores cotas de altitude, facilmente identificados na paisagem. A identificação de sua bacia pode servir como parâmetro na delimitação das terras pertencentes à comunidade.

De acordo com a classificação climática de Koppen, a região encontra-se sob domínio do clima "mesotérmico úmido e sub-úmido", classificação Cfb (sempre úmido, verão morno). A precipitação média anual é em torno de 1500 mm. O trimestre mais chuvoso é JAN-FER-MAR, não possuindo um período caracteristicamente seco, visto que a proximidade com o Atlântico a mantém em regime de elevada pluviosidade. No verão, sofre a ação de massas de ar continental, enquanto que no inverno, da tropical atlântica.

Os solos da região, no global, são provenientes da decomposição de rochas cristalinas pré-paleozóicas (granitos, gnaisses, etc) e de rochas sedimentares ou eruptivas que parcialmente a elas se superpõe em grandes áreas. De acordo com os mapas estudados, estes demonstram que a fertilidade dos solos é "baixa" e "muito baixa". Informam, ainda, que a utilização do solo dessa região requer cuidados para a sua conservação, especialmente os que se originam das rochas sedimentares (**Palanca e Nascimento Júnior, 1998**).



A vegetação dominante é a Mata Atlântica, que é um dos ecossistemas mais exuberantes do globo, mas historicamente sofrendo degradação, desde o início da colonização.

As principais áreas preservadas da Mata Atlântica localizam-se em reservas, entre as quais destacam-se duas na região do Vale do Ribeira: o Parque Estadual e Turístico do Alto Ribeira (PETAR) e o Parque Estadual da Ilha do Cardoso. Este é considerado pela União Internacional de Conservação da Natureza como um representante dos cinco mais importantes ecossistemas do mundo.

HISTÓRICO, A QUESTÃO DA PROPRIEDADE E A RESISTÊNCIA A CONSTRUÇÃO DAS BARRAGENS

Segundo relatos sobre a história do bairro, cuja fundação data do século XVIII, há muito tempo chegou ao lugar uma portuguesa, de nome Joana Maria, trazendo consigo pretos escravos para o serviço da mineração do ouro. Religiosa, mandou construir uma capela para as celebrações. Com o passar do tempo, estando adoentada, teria essa senhora retornado a Portugal, não **"antes de doar suas terras à Igreja e deixar a escravaria liberta"** (QUEIROZ, 1993).

Porém, ainda segundo esse autor, **"para os moradores do bairro não há dúvidas a respeito da propriedade das terras: diz-se que pertencem à SANTA - Nossa Senhora dos Homens Pretos, Padroeira do Bairro, cuja festa realiza-se anualmente no mês de outubro, e não à Igreja, como parece ser o correto"** (QUEIROZ, 1983).

Com respeito a esta questão, é pertinente chamar a atenção para a discussão sobre a quem pertence a terra: se à SANTA (de acordo com os moradores) ou à Igreja (conforme os relatos históricos citados por Queiroz) Afinal, a aceitação de uma ou de outra implica diretamente no reconhecimento da legitimidade da ocupação e posse pelos habitantes de Ivaporunduva. Por isso, é compreensível que os mesmos defendam que a terra pertence à "Santa", pois sendo assim, estarão atribuindo a propriedade a uma entidade encontrável num plano espiritual do ser humano; ao passo que se fosse à Igreja, reconheceriam a propriedade da terra a uma instituição juridicamente estabelecida entre os homens.

De qualquer forma, é fato aceito que os negros de Ivaporunduva vivem nessas terras há pelo menos dois séculos e isso foi fazendo com que houvesse **"uma certa estabilidade territorial, garantida pelo desenvolvimento de instituições permanentes, próprias de sistemas de posse comunal"** (ALMEIDA, 1998).

Segundo esse autor, a noção de **"terra comum"** adotada nessas comunidades, que permaneceram no decorrer dos anos num certo grau de isolamento, poder servir como elemento de **"identidade e auto definição"**. Porém, devido à heterogeneidade das situações a que se acham referidas, **"passaram a auto representar-se e a ser designadas segundo denominações específicas: terras de preto, terras de santo, terras de índio"**.



Considerando o exposto acima, podemos identificar Ivaporunduva como **"terras de preto"**, que Almeida denomina como sendo : **"aqueles domínios doados entregues ou adquiridos, com ou sem formalização jurídica, a famílias de ex-escravos a partir da desagregação de grandes propriedades..."** ou também **"aqueles domínios ou extensões correspondentes aos quilombos, que permaneceram em isolamento relativo, mantendo regras de direito consuetudinário que orientavam uma apropriação comum dos recursos"**(p.46)

E é com essa denominação de **"remanescente de quilombo"** que uma das lideranças do bairro relata sobre seu povo **"(...) Queria colocar também que, sendo um remanescente de quilombo, né, aquilo que foi herança dos nossos ancestrais, há trezentos e poucos anos, né; sou descendente do povo escravo que ali viveu, né, e com muito amor, com muita garra eles conseguiram deixar aquilo ali pá gente, né, hoje e ... todo mundo sabe que a história de quilombo é uma história de muita briga, de muita resistência, né (...)"**.

Nesse momento da história da comunidade suas palavras expressam uma profunda determinação em afirmar as **"lutas"** e a **"resistência"** de seus ancestrais pela terra, como se evocassem o passado para fortalecer a luta no presente; demonstraram, também, o conhecimento da lei que, teoricamente, dá proteção às comunidades remanescentes de quilombos. Pelo artigo 68 das Disposições Transitórias, o governo reconhece aos habitantes de remanescentes de quilombos a **"propriedade definitiva da Terra"** (Constituição Federal, 1988).

O motivo pelo qual a comunidade de Ivaporunduva está mobilizada refere-se a um projeto que prevê a construção de barragens no Rio Ribeira de Iguape, onde estarão associados o capital privado (representado pelo grupo Votorantim) e o capital público (representado pelo Governo do Estado de São Paulo) através da CESP. Serão quatro Usinas Hidrelétricas: a de Tijuco Alto (pela CBA) e as de Funil, Batatal e Itaoca (pela CESP). Essa comunidade corre o risco de desaparecer com a construção da Barragem de Batatal, pois águas do lago vão cobrir a capela de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (Vale sem rio, Vale sem vida, 1993).

Essa luta está implícita no depoimento de cada morador de Ivaporunduva, refletindo o grau de mobilização da comunidade: **" (...) Na verdade, aqui prá nós, nosso povo brigou muito, teve muita luta e essa luta pelo ponto de vista hoje ela não terminou, né [pois hoje] o quilombo tá vivendo uma época de ameaça, né, tem vários projetos do governo que querem fazer hidrelétrica, barragem no rio, né, e prá vocês verem e ficarem a par disso (...) e se elas forem construídas tudo vai ficar abaixo d'água"** (uma liderança).

"Olha nós aqui, os atingidos [ameaçados] por barragens, temos mais a base de como é, como que não é, nós tentamos explicar prá eles [colegas de classe] assim o jeito que vai sê ..." (um jovem da comunidade de quinze anos, estudante da primeira série do segundo grau).



"Algum pessoal de Eldorado fala isso, sim [que a barragem vai ser boa prá região] ... mas o que vai trazer de ruim não falam... que o emprego é só no dia..." (outro jovem estudante).

P - Vocês gostam de morar aqui?

I1 - Nós gostamos. Aqui a gente vai prá toda parte. Lá em cidade, a gente não pode nem (dar) um pulinho assim no quintal, a gente já tem que entrar prá dentro de novo, então eu acho mais bom o sítio" (uma criança de dez anos, segunda série).

I2 - "Ah! lá na cidade a gente passa às vezes e à noite não pode nem brincar, mais e aqui a gente brinca (...) lá na cidade não, fica trancado até de dia dentro de casa sem nunca nem sair, e aqui a gente vai à vontade ..." (outra criança, sete anos, primeira série).

Todos os depoimentos expressam uma identificação com o seu local de vida. Sendo cada informante de uma determinada faixa etária, cada qual expressa, à sua maneira, a disposição em permanecer nessa terra e continuar a luta pelo seus direitos : o líder, fazendo-se representar em eventos de naciais; os rapazes, debatendo com os colegas estudantes; as crianças, ressaltando a liberdade que vivem no meio rural, contrapondo à "prisão" que representa o meio urbano.

VISÕES SOBRE O USO DA TERRA

"Muitas vezes o pesquisador pensa estar captando o discurso mais representativo daquilo que vigora espantosamente no grupo, mas pode estar tendo apenas acesso à visão que um dado poder institucional legitimou, por exemplo, a Igreja" (MUSUMECI, 1988, P. 55).

É pertinente essa citação pelo fato de que as circunstâncias da realidade presente em Ivaporunduva estão inseridas em uma luta organizada - em oposição à construção das barragens. Daí o intuito de **"conquistar a adesão do interlocutor às lutas do grupo"** (p. 54).

Nas entrevistas feitas com os moradores, muitas vezes aparecem formulações que sugerem **"uma ideologia comunitária e uma concepção não mercantil da terra"** (MUSUMECI, p 53), na qual desenvolve uma agricultura prioritariamente de subsistência.

"Óia, aqui nós tiramo tudo que a terra dá: tiramo arroz, tiramo feijão, tiramo milho. E tudo, né? Tudo o que a gente acha que faz parte de uma cesta básica. (...) A gente usa mais (a terra) para subsistência porque a gente vê o comércio ... ele não compitia força que a gente tem. (...) Então a gente usa mais pro consumo, né?"

Em outros momentos, apresento expressões de uma "versão radicalmente individualista, utilitarista" (MUSUMECI, p 53) :

"O que nós faiz aqui é que a gente pranta as coisa que a gente usa, né ... Agora hoje em dia, eu tô vendo muita dificuldade e a gente tá mudando de idéia..., por exemplo, eu incentivo os amigos prá gente lutar prá conseguir a balsa e a gente



plantar alguma coisa que possa comercializar melhor, por exemplo, o maracujá."

Ambos os relatos demonstram concepções opostas em relação ao produto da terra: o primeiro sustenta a idéia da terra com fonte de subsistência e reprodução da existência humana; o segundo, por sua vez, destaca a iniciativa pessoal direcionada à maior lucratividade, pois desta forma, também, há possibilidade maior de acumulação de capital.

Segundo os moradores de Ivaporunduva, a banana é o único produto voltado exclusivamente para o comércio, cuja renda nem sempre é suficiente; a variação do preço no mercado e o baixo poder aquisitivo do consumidor provocam uma instabilidade no seu comércio local, como declara um informante:

"Ela [a banana] tem sempre. E o preço da banana não é sempre que tem. Às vezes a gente acha que o preço da banana... a gente acha que é barato, mas tem pessoas na cidade que é pobre e não pode comer uma banana."

Em decorrência desse fato se dá a perspectiva da implantação de uma outra cultura comercial: o maracujá. Segundo um outro informante, agricultores de vários locais da região iniciaram o cultivo dessa fruta, por isso a idéia de integrar-se mais nas relações comerciais locais. Um fator limitante ao cultivo é a carência de capital inicial para o investimento, visto que é necessário preparar "a terra, máquinas de pulverizar, veneno,"

Ressalta-se porém, que todo novo empreendimento é discutido pela comunidade, não com o objetivo de cercear uma iniciativa pessoal, mas sobretudo pela tradição de se decidir em conjunto assuntos de interesse geral, exemplificado pelo diálogo a seguir:

"P - Mas quando vem uma idéia que estranha a vocês, vocês ficam apreensivos? com medo? vocês discutem?"

I - Discute. Não é assim uma coisa assim que voceis pensou e já fazer ... Discutimos ... Vamos ver se vai dar lucro, se vai dar certo, de que maneira vamos [resolver] o problema do suprimento... compra um veneno. [Também] dependendo do local vai prejudicar um rio, a criança que passa vai pegar ..."

Esse depoimento, esclarece a concepção de bem comum que possui o meio ambiente na comunidade de Ivaporunduva, ao condicionar uma decisão (aparentemente irrelevante) à discussão comum quando, aos olhos dos "de fora", caberia exclusivamente ao seu empreendedor.

DISTRIBUIÇÃO DAS TERRAS ENTRE AS FAMÍLIAS

No bairro de Ivaporunduva, a forma de distribuição da terra entre as famílias pode ser entendida como característica dos sistemas de posse comunal, identificados por Almeida (1998) como sendo:

"Situações nas quais o controle da terra não é exercido livre e individualmente por um grupo doméstico determinado, mas sim através de normas específicas instituídas para além do código legal vigente e acatadas de maneiras consensuais,



nos meados das relações sociais estabelecidas entre vários grupos familiares de pequenos produtores diretos, que compõem uma comunidade social" (P. 43).

Como afirma uma das lideranças:

"Aqui a terra é comunitária. Aqui é um grupo de pessoas aonde não tem... assim... propriedade particular. Todo o mundo trabaia aonde qué."

Vivendo há séculos nessa região, os limites de posse entre as famílias são imprecisos, sem um conhecimento de suas dimensões reais. O sistema de partilha da terra aparentemente é constituído a partir da tradição das famílias historicamente estabelecidas (NASCIMENTO JR, 1994), verificável nessa aplicação de um morador quando indagado a respeito da forma e critério de distribuição da terra:

"Óia, a terra aqui ela é desse jeito: existe os antigos quarteirões. Um pedaço de terra aonde os mais véios trabaivam e trabaíram."

Nos sistemas de posse comunal, o acesso à terra para o exercício das atividades produtivas ocorre através das tradicionais estruturas intermediárias da família, do grupo de parentes, do povoado, ou da aldeia; os indivíduos só têm direito à terra pelo fato de pertencerem a uma dessas unidades sociais (ALMEIDA, 1998).

Assim, as relações de consangüinidade e os estreitos laços de vizinhança e afinidade devem passar pela aprovação da maioria da comunidade.

Segundo José Rodrigues, um dos líderes, **"cada um planta quanto quer. Não tem esse negócio de limitar área para cada um, não."**

Na comunidade de Ivaporunduva, a população possui entre seus membros uma relação de parentesco bastante ampla:

"O pessoal assim... não é que sejam todos parente, mas eles vivem tudo junto assim... uns é parente mesmo e uns é mais conhecido, amigo. E acontece das pessoas acabar casando."

Sob esse aspecto, comum às comunidades que vivenciaram um certo isolamento no decorrer de sua história, podemos verificar o relato acerca de um outro bairro remanescente de quilombo, vizinhos de Ivaporunduva, o bairro NHUNGUARA. Este

"que fica na divisa de Eldorado com Iporanga é remanescente de um quilombo e, em 1984, alguns dos integrantes dessa comunidade resolveram vender seus lotes de terra. Ao se fazer o levantamento dos documentos, descobriram que as terras eram comunitárias e, portanto, pertenciam a todos, como se fossem uma grande família. Isso aconteceu por não aceitarem a miscigenação racial e em virtude do isolamento em que ficaram desde o século passado. Foram contraindo casamentos entre si, tornando-se todos parentes" (PROGRAMA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO VALE DO RIBEIRA, 1992, p. 70).

Portanto, o parentesco é um traço que identifica e caracteriza a população de Ivaporunduva, e também muito provavelmente o compradesco, considerando que o bairro se assemelha em vários aspectos com as comunidades caipiras de São Paulo, descritos por PIERSON (1954) e CÂNDIDO (1954). Queiros (1983), em seu trabalho sobre a comunidade, também identifica o bairro como "o que se convencionou chamar de cultura caipira" (p. 24).



FORMA DE UTILIZAÇÃO DA TERRA

A utilização das terras pelas famílias de Ivaporunduva realiza-se com técnicas tradicionais de cultivo, usando instrumentos agrícolas rudimentares em todas as fases de produção, desde o preparo da terra, o plantio, a "limpa" e a colheita.

Sendo suas lavouras voltadas, em sua maior parte, para a subsistência, a produção de excedente agrícola torna-se irrelevante. Dessa forma, haverá pouco capital acumulado, necessário para arcar com os custos de técnicas agronômicas que poderiam aumentar a produtividade da lavoura, como pode ser verificado no seguinte depoimento:

"Olhe, nós temo muita orientação, mas a gente sabe que hoje a coisa não tá não agüenta mantê aquilo(...)."

É importante ressaltar que, como "técnicas", o informante deixa a impressão de compreendê-las como se fossem a utilização de defensivos e fertilizantes:

"(...) vamos dizer jogar o adubo químico tá muito caro, quer dizer, a gente... [coloca] ; se depois a gente não pode colocar, o solo vazou..."

Portanto, percebemos que o lavrador associa as "técnicas agrícolas de melhoria da produção" à adição de elementos estranhos à composição original da terra, daí sua preocupação também com a manutenção de suas propriedades naturais, além do custo que sempre oferece restrições. É bom lembrar que o uso de fertilizantes pelos agricultores é como nas regiões que apresentam um solo já desgastado pelo uso intensivo. Daí, a necessidade de complementação química a esses solos.

Para manter a fertilidade de suas terras e evitar um desgaste maior, o agricultor de Ivaporunduva segue um sistema de "rodízio de quarteirões", explicado por um informante.

"(...) Então, a questão da terra ela é vista aqui como rodízio. Hoje a gente vive com um pedaço de mato aqui, passo o ano trabaiando aqui, esse ano deixa esse descansando e pega outra parte e lá. Então, a gente convive desse jeito, fazendo o manejo de uma área para outra área."

Esse período de descanso é importante para que a terra readquira propriedades que desgastaram-se com a lavoura daquele ano. Esse período varia de família para família, mas é comum esperar-se pelo menos sete anos para ser cultivado novamente aquele quarteirão. Essa área agricultável que está em descanso é chamada de "capoeira". Esse mesmo termo é dado pelos agricultores do Maranhão a essas áreas. Conforme os estudos de MUSUMECI (1988), numa comunidade de posseiros, **"o período da manutenção do terreno em pousio é de, no mínimo, cinco anos, e dez anos, o ideal, de modo a permitir a formação de uma "capoeira grossa", pois a capoeira "fina, rala ou nova" (com pouco tempo de pousio) exige muito mais trabalho de capina durante o ciclo agrícola, além de oferecer menor produtividade.**

Em virtude desse modo de utilização da terra na comunidade de Ivaporunduva, observamos pouco contraste entre as áreas de produção agrícola e áreas de mata virgem, pois boa parte das terras agrícolas estão em descanso e, assim, recompondo-se enquanto mata, atraindo muitos bichos que voltam a habitá-la, trazendo benefícios à lavoura.

"Aqui nós temo o largato teiu. Ele come muito bicho. Imagina se não tivesse o largato, imagina se não tivesse o tatu pra comê as formiga. Ia prejudicá demais."



... mas também, prejuízos como :

P - "(...) Essa mata (capoeira) atrai os animais ou eles ficam na mata fechada, prá fora?

I - É o contrário, às vezes vem comê as plantas da gente aqui.

P - E o que vocês fazem?

I - É, aí já é uma pergunta, como é que se diz ... às vezes a gente atropela, a gente mata... alguns a gente mata, por que tem uns que ... não é assim prá acabá, mais pra espantá um pouco."

Esses diálogos apresentam o cuidado do informante com as palavras ao falar sobre "matar animais silvestres", em virtude da proibição legal para isso. Seu discurso, portanto, está coerente com a luta que a comunidade trava junto ao poder público para a permanência e titulação de suas terras.

As parcelas do relevo utilizado são principalmente as várzeas e os sopés das encostas. Os terrenos mais íngremes, situados nas partes mais elevadas da serra, são áreas de mata natural, cuja manutenção em tais condições é importante para a comunidade. Conforme um morador:

"Óia, as várzea é mais útil porque é uma parte mais fresca (úmida), né? Tanto que a gente acha melhor de cultivá. Agora, nas partes mais alta, a gente também tem necessidade de muitas coisas da mata, por exemplo: a madeira, o cipó que a gente usa, a lenha, dos bichos mesmo que vem, dos passarinhos, as caça."

O tipo de lavoura cultivada nesses terrenos é:

"Nas encosta a gente costuma prantá o milho e mandioca e a cana, né? E nas várzeas, mais o arroz, feijão, as horta usa mais.

Além destes, é cultivada para comercialização a banana, em ambos os terrenos, tanto nas encostas como nas várzeas, sempre próximo à beira do rio, pelo fato de a "terra ser melhor" e para facilitar o transporte. Porém, há lugares que estão distantes mais de quinhentos metros do rio, daí eles têm que carregar nas costas a produção, pois **"o animal... o cavalo, o burro, ele depreda muito a banana e quando for vender a banana não tem preço."** Portanto, o mais seguro é transportar nas costas, pois **"se bater ela fica cheia de mancha, então você tem que carregar nas costa. E às vezes você usa um sistema de colchãozinho prá não machucar..."**

Essa dificuldade de transporte desde a lavoura até a outra margem do ribeira não se reflete somente no corpo dessas pessoas, mas também nos seus bolsos, pois estão sujeitos ao preço dado pelo atravessador, que muitas vezes subavalia a produção em decorrência de escoriações ocorridas no transporte:

"Uma coisa que a gente sofre muito é com o travessador. Porque ele vem, paga muito barato prá gente aqui, e ele vende no preço da praça... Mas prá nós ele paga a metade do mínimo. Então, porque é a nossa banana, quando fiz esse trajeto de pôr na canôa, pôr nas costa, depois pôr na canôa, depois carregar na canôa até aonde está o caminhão, ela depreda um pouco (...) então, ele ... o preço fica mínimo. E mas mesmo quando sai boa assim, ainda ele pagam barato."



Por isso, as maiores reivindicações da comunidade junto à Prefeitura de Eldorado são : a colocação de uma balsa no Rio Ribeira, que comporte a passagem de caminhão carregado, a construção de uma ponte sobre o Ribeirão do Bocô e abertura de, pelo menos, dez quilômetros de estrada pelas terras de Ivaporunduva. De acordo com os moradores, para que **"tenha condição de desenvolver melhor."**

Enfim, esse modelo primitivo de agricultura parece estar totalmente superado pelas modernas técnicas agrícolas, que aumentam muito mais a produtividade e, conseqüentemente, lucro e participação no contexto econômico global. No entanto, CONTI (1991) lembra que, se o pequeno produtor tem dupla função, ele é valorizado apenas pela produção e nunca pela proteção à terra. Isto o estimula a ser apenas produtor, e a inseqüente ação pela produção destrói o ambiente. E assim, em lugar de proteger o ambiente, o agricultor é recompensado somente se o altera e o destrói.

A proposta de Ivaporunduva contradiz esta tradição, pois é o máximo de aproveitamento e participação e o mínimo de destruição possível.

O HOMEM DE IVAPORUNDUVA E SUA RELAÇÃO COM O MEIO AMBIENTE NATURAL

O morador de Ivaporunduva convive com a natureza como parte integrante desta. Desse modo ele utiliza os recursos que necessita sem, no entanto, destruí-la.

O depoimento de um morador local, ao ser interrogado sobre a preservação do meio ambiente, é o seguinte:

"Bom, a preservação prá nós, prá mim particularmente e prá nós aqui, a preservação não qué dizer só preservar a natureza, como também, preservar o homem. O homem também é uma natureza, nós sempre preservamos. Voceis olham prá tudo o canto e não enxergam nada, só vê mata, mas vê também nois aqui, então nós convivemos com a preservação e convivemos com nós mesmo, com nossos filhos, com nossos avós, daí pra frente então não tem destruição da natureza, agora nós somos contra o jeito de tratarem nós, o jeito deles conviverem com nós e querem trazer uma preservação que não é a nossa, aí nós trabaia contra."

O homem para sobreviver tem necessidade de alimentação e para isso ele adapta o espaço natural às suas necessidades. A agricultura é uma das maneiras mais suaves da ação do homem sobre o espaço natural.

Quase todo o espaço da Terra hoje é um espaço humano, ou seja, um espaço natural às necessidades humanas. Entretanto, a grande maioria dos espaços humanos de hoje são áreas adaptadas somente em nível do terreno, ou seja, pela prática da agricultura e pecuária (Comissão Mundial Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, 1991).

No Brasil, a história do processo de ocupação do território tem mostrado que a terra sempre foi utilizada de modo intensivo e imediatista até o limite de sua potencialidade. Trata-se, portanto, de uma postura capitalista primitivista, que a concentração do capital se faz em detrimento da potencialidade, limitando o período de exploração, uma vez que a renovação dos recursos implica, muitas vezes, em uma



relação de tempo geológico, incompatível com os anseios do sistema (CASSETI, 1991).

No caso de Ivaporunduva, a utilização da terra e de seus recursos é feita de forma racional e para atender suas necessidades de subsistência, e não de uma maneira intensiva e imediatista, conforme a postura capitalista.

A afirmação de um habitante local, quando indagado sobre a importância daquele espaço para eles, e se era necessário o desmatamento para aumentar a área de cultivo, foi:

"Nós precisamos dessa área sim. Por aí tem nossos bichos, a nossa madeira de tirar, o nosso cipó e não é preciso desmatar né? Pode ser que a gente precisa de um pedacinho do outro lado, mas que não mexa com aquilo ali. Aquilo ali é uma terra sagrada, todo mundo precisa dela. Voceis tão vendo aquela mata, aquela madeira muito bonita lá? a gente vai lá, tira uma madeira... é prá uma engenhica, é para um caibro ..."

CONCLUSÕES

Com este trabalho, acreditamos que pudemos contribuir para o debate acerca do desenvolvimento no Vale do Ribeira. A partir do reconhecimento da maneira que convivem e usufruem da terra, abre-se então a perspectiva de uma alternativa de desenvolvimento amadurecida no interior da região do vale, a qual priorize os aspectos sociais do lugar, sua organização comunitária, suas raízes culturais, atrelando a isso os fatores econômicos e políticos.

As idéias são, enfim, expressões sinceras de uma comunidade que afirma com palavras e ações que a terra em que vivem não se define somente como limites demarcados por medida agrárias, aplicáveis em qualquer outro ponto do planeta; mas sim, (e sobretudo) com manifestações humanas e espirituais que foram se traçando no decorrer da história dessa comunidade. Finalizando, poderíamos tentar uma discussão acadêmica acerca dessa relação do homem de Ivaporunduva com seu meio natural, mas deixemos que falem por si.

"P - (...) Que foto a senhora tiraria [do bairro] e mandaria para eu conhecer ?

I - A Terra...não só a terra. A gente procuraria tirar o que saísse um pouquinho de cada, sabe? Porque tudo faz parte da vida da gente, então um pouquinho de cada coisa que saísse na foto seria muito importante" (uma moradora).



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A. W. B. **Posse Comunal e Conflito**: Terras de Preto, Terras de Santo e Terras de Índio. In: **Revista Humanidades**, n.º 15, p. 42-48, 1998.
- BRANDÃO C. R. (org.). **Pesquisa Participante**. 8ª. ed. São Paulo : Brasiliense. 1990.
- CÂNDIDO, A. A **Vida Familiar do Caipira**. In: *Sociologia*, Vol XVI, n.º 4, out. 1954.
- CASSETI, V. **Ambiente e Apropriação do Relevo**. (Coleção Ensaios). São Paulo : Contexto. 1991.
- COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso Futuro Comum**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas. 1991.
- CONTI, L. **Ecologia: Capital, Trabalho e Ambiente**. São Paulo: Hucitec, 1991.
- CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. (Promulgada em 05 de outubro de 1988). 2ª. ed. São Paulo : Ed. Jalovi. 1988.
- FOOETE-WHYTE, W. **Treinado a Observação Participante**. In: GUIMARÃES, A. Z. **Desvendando Máscaras Sociais**. Rio de Janeiro: Livr. Francisco Alves. 1980.
- GARCIA JR., A. R. **O Sul: Caminho do Roçado**. Estratégias de Reprodução Camponesa e Transformação Social. São Paulo : Marco Zero, DF: Edit. Universidade de Brasília: MCT-CNPq. 1989. (Col. Pensamento Antropológico).
- GUERRA A. T. **Dicionário Geológico / Geomorfológico**. 7ª. ed. Rio de Janeiro: IBGE. 1987.
- MONTENEGRO, A. T. **História Oral e Memória: a Cultura Popular Revisitada**. (Coleção Caminhos da História). São Paulo : Contexto - 1992.
- MOURA, M. M. **Camponeses**. São Paulo: Ed. Ática. 1986
- MOSUMECI, L. **O Mito da Terra Liberta. Colonização Espontânea, Campesinato e Patronagem na Amazônia**. Orienta. São Paulo: Vértice, Ed. da Revista dos Tribunais : ANPOCS, 1988.
- NASCIMENTO JR, A. F. Ivaporunduva: A Organização e os Hábitos de um antigo Quilombo no Vale do Ribeira. **Anais de Etologia**. 12: 91 - 102, 1994. Cananéia - S.P., Brasil.
- PALANCA E NASCIMENTO JÚNIOR, A. F. Contribuições da Geotecnia para a ocupação do espaço na baixada do Ribeira (SP). **Anais do VIII Seminário Regional de Ecologia**, Vol VIII. p. 657-663, 1998.
- PIERSON, D. **Família e Compadrio numa Comunidade Rural Paulista**. In: *Sociologia*. Vol. XVI, Nº 4, out. 1954.
- PROGRAMA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DO VALE DO RIBEIRA. Coordenação da Secretaria do Meio Ambiente e da Secretária da educação, 2a. ed. São Paulo: Série Educação Ambiental, (Secretária do Meio Ambiente). 1992.



QUEIROS R. S. **Caipiras Negros no Vale do Ribeira: Um Estudo de Antropologia Econômica.** São Paulo : FELCH/USP. 1993.

SACHS I. **Estratégias de Transição para o Século XXI: Desenvolvimento e Meio Ambiente.** São Paulo : Studio NOBEL - FUNDAP, 1983.

Vale Sem Rio, Vale Sem Vida : Barragens: A Morte do Rio e do Povo. **Jornal da Mata Atlântica**, out. e nov. 1993.

VIEIRA, R. L.; SPAGNOL JÚNIOR, N. A. e NASCIMENTO JÚNIOR, A. F. Estudos Preliminares do Núcleo de Ivaporunduva: uma Discussão acerca do Desenvolvimento do Vale do Ribeira - SP. **Resumos do I Congresso Brasileiro de Análise Ambiental.** UNESP, Rio Claro, 1994. p. 125-126.